

# Governo, otimista, prevê que economia não terá queda este ano

O otimismo com a economia voltou a Brasília. Nas previsões do Governo, no segundo semestre as contas públicas continuarão sob controle, a balança comercial apresentará sinais de recuperação e o desemprego estará em queda, ainda que a taxa do ano permaneça elevada. Mas o que mais entusiasma é a retomada do crescimento. A expectativa é de que a previsão de queda de 1% do Produto Interno Bruto (PIB) não deverá se confirmar, graças à redução dos juros.

Com uma taxa nominal de 21%, em termos reais, os juros estão em 13% ao ano, considerando a meta de 8% para a inflação. "Já estamos com a taxa de juros reais mais baixa dos últimos quatro anos. Não é pequena a probabilidade de que o crescimento fique em zero este ano", diz o secretário de Planejamento do Ministério da Fazenda, Edward Amadeo.

Entretanto, para os analistas do mercado financeiro, o quadro não é tão cor-de-rosa assim. A situação exige atenção redobrada, ressalta o economista-chefe do Lloyds Bank, Odair Abate. Para ele, é preciso não esquecer que o que se comemora agora é o fato de o país não ter sucumbido à crise com a mudança no câmbio. Em vez de uma queda em torno de 4% no PIB para este ano, os números apontam para retração de cerca de 1% do PIB - ainda assim, um dado ruim.

Segundo Odair, o grande desafio continua sendo o ajuste das contas públicas. O Governo precisa



**Edward Amadeo:** taxa de juros é a menor dos últimos quatro anos

gerar um superávit de cerca de R\$ 30 bilhões este ano - 3,1% do PIB. Pelas contas do Governo, o primeiro semestre deverá gerar um ganho de R\$ 12 bilhões mas, ainda assim, faltarão R\$ 18 bilhões para atingir a meta. "Esse é o grande desafio do país. Não há dúvidas de que a tensão ficará por conta do desempenho fiscal", diz Abate.

Os juros deverão continuar em queda e Amadeo acha que a taxa

real poderá chegar a 10% ou 11% no fim do ano, ou seja, metade do que foi a média dos últimos quatro anos. Essa queda, segundo ele, junto com uma situação fiscal sustentável e inflação baixa, deverá permitir a retomada do crédito já no segundo semestre, impulsionando o crescimento.

Para 2000 e 2001, o Governo já trabalha com crescimento de 4% a 5% do PIB. Essa recuperação, no

entanto, não deverá ter efeitos expressivos sobre o emprego. Por motivos sazonais, a taxa de desemprego cai. Para Amadeo, ex-ministro do Trabalho, a taxa será menor do que a de 1998, quando saltou da média de 5% para 7,5% no ano. No ano 2000, segundo o secretário, a taxa de desemprego deverá cair mais.

Outra boa notícia será a recuperação do saldo da balança comercial, segundo o secretário. Está previsto um superávit de US\$ 4 bilhões no acordo com o FMI. No entanto, o resultado acumulado até agora é um déficit de US\$ 616 milhões. Com a retomada do crescimento, a tendência é que as importações aumentem e as exportações caiam. O secretário, no entanto, discorda dessa avaliação. Ele acredita que a queda de preços das "commodities" já atingiu seu mínimo e, com o crescimento da economia mundial, a tendência é de elevação. No entanto, Amadeo acha que as importações não deverão crescer, devido ao aumento de preços provocado pela desvalorização do real.

Mas, segundo Odair Abate, é preciso não esquecer que as vendas de produtos brasileiros para o exterior também ficam prejudicadas pelo fraco desempenho das economias que importam do país. Isso, aliado à queda de preço dos preços no mercado internacional, dificilmente permitirá que o Brasil atinja o superávit de US\$ 4 bilhões na balança comercial, acredita o economista.